

O LUGAR DO PORTUNHOL SELVAGEM EM UMA HISTÓRIA DO CONHECIMENTO LINGUÍSTICO

Gabriela Souto Alves*

RESUMO: Este trabalho inscreve-se em uma perspectiva que visa se afastar da ideia de universalização/totalidade em relação ao conhecimento linguístico, localizando um objeto de pesquisa e oportunizando a ele um caminho metodológico. O objeto desta discussão científica é o portunhol selvagem como manifestação artística de resistência e movimento cultural, de modo que o conceito de língua mobilizado não se dará em relação a um sistema normativo e estrutural; mas quanto à esfera do materialismo histórico e da Análise de Discurso, que tem em sua concepção o fato de as línguas serem também processos sociais, as quais se estabelecem discursivamente pela sua relação com a história no processo de constituição dos sujeitos e dos sentidos. O fato de o portunhol selvagem ser escrito pelo viés de resistência artístico-literária é a questão teórica desenvolvida. A partir disso, a questão metodológica é a análise de um *corpus* que envolve discursos sobre este movimento cultural, oriundos do poeta Douglas Diegues. Com isso, objetiva-se reconhecer aspectos de defesa desta língua e do caráter artístico-literário da resistência discursiva.

Palavras-Chave: Portunhol selvagem. História do conhecimento linguístico. Resistência. Douglas Diegues.

ABSTRACT: This work is part of a perspective that seeks to move away from an universal idea in relation to the linguistic knowledge, locating a research object and giving this a methodological way. The object of this scientific discussion is the portunhol selvagem as artistic expression resistance and cultural movement, so language concept does not occur in relation to a structural and regulatory system; but as the sphere of Historical Materialism and Discourse Analysis, which has in its conception the fact that languages are also social processes, which are established discursively by their relationship to the story in the process of constitution of subjects and senses. Portunhol selvagem written by the artistic and literary resistance bias is developed as theoretical question. From this, the methodological issue is the analysis of a *corpus* involving Douglas Diegues speeches about this cultural movement. Thus, the objective is to recognize aspects that support this language and artistic literary character of discursive resistance.

Keywords: Portunhol selvagem. History of linguistic knowledge. Resistance. Douglas Diegues.

Considerações Iniciais

Representar é um modo de manifestar o que me afeta, tornando isso compartilhável. Para tanto, preciso de um meio externo, de instrumentos que possibilitem a materialidade de minha representação, como as línguas/linguagens e seus variados recursos, por exemplo. Como consequência, determinadas representações ganham caráter universal, podendo ser reconhecidas em diferentes culturas e/ou diferentes épocas, por uma espécie de “afinidade semântica” (AUROUX, 2008, p. 126). Essa afinidade está relacionada a um recorte, à inserção em uma visão de mundo, limitação que possibilita certos procedimentos de metodologia e análise, sustentando a

* Doutoranda em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Santa Maria, Mestre em Estudos Linguísticos pela mesma instituição, bolsista CAPES. E-mail: souto.gabriela@yahoo.com.br

objetividade do conhecimento produzido. Fazer ciência é produzir conhecimento, uma atividade relacionada a comunidades científicas e a seus diferentes pontos de vista teóricos. Deste modo, um conhecimento linguístico dependerá da concepção de língua que será adotada em seu percurso de pesquisa. Apenas a partir de um recorte social e histórico, posso pensar o que é a língua da perspectiva da ciência.

Cientificamente, eu preciso partir de um domínio de objetos, para deles ter uma representação, ou seja, um sistema de objetos. A objetividade da ciência está na coerência do processo analítico, dependendo do recorte teórico, do *corpus*, das relações estabelecidas, isto é, relaciona-se a toda uma episteme. Objetivo inscrever este trabalho em uma visão de mundo que desmonta a ideia de universalização/totalidade em relação ao conhecimento linguístico, localizando um objeto de pesquisa e oportunizando a ele um caminho metodológico. Em primeiro lugar, preciso pensar com que representação de língua eu trabalharei a partir da episteme em que me coloco, uma vez que toda produção de conhecimento se dá a partir de uma dada perspectiva.

O objeto que trago para o cerne desta discussão científica é o portunhol selvagem - língua tida como de fronteira, híbrida, que não se dobra às regras gramaticais normativas que conhecemos - como manifestação artística de resistência. Logo, o meu conceito de língua não se dará em relação a um sistema normativo e estrutural, nos moldes totalitários já estabelecidos, via uma idealização; mas, antes, me coloco na esfera do materialismo histórico e da Análise de Discurso, que tem em sua concepção o fato de as línguas serem também processos sociais, as quais se estabelecem discursivamente pela sua relação com a história no processo de constituição dos sujeitos e dos sentidos. A ideologia, como prática significativa, aparece como efeito desta relação (FERREIRA, 2003).

As regiões de fronteiras, especialmente aquelas que são bastante povoadas e nas quais acontecem múltiplos deslocamentos de pessoas de um lado e do outro da linha divisória, são lugares intensos de cruzamento de línguas. No caso do Brasil e dos países vizinhos, há o encontro natural, entre os falantes da fronteira, do português e do espanhol. A oralidade em portunhol é um fenômeno secular que atravessa as experiências de vida das gerações que viveram e vivem nesses lugares de encontros e desencontros de povos e culturas. O acontecimento que aqui destaco é o portunhol escrito, denominado selvagem e escrito pelo viés de resistência artístico-literária, sendo esta a questão teórica a ser desenvolvida.

A partir disso, a questão metodológica pensada é a análise inicial de um *corpus* que envolve discursos sobre este movimento cultural, oriundos de seu maior entusiasta e morador da fronteira, Douglas Diegues. Com isso, busco reconhecer marcas de defesa desta língua e do caráter artístico-literário da resistência. Minha materialidade são dois depoimentos do autor. Assim, adentro a história do conhecimento linguístico em uma região fronteira de línguas e sujeitos.

1 Um quadro linguístico de unidade

A língua, no contexto dos Estados modernos, cada vez mais tornou-se símbolo de manutenção de uma soberania, tendo no monolinguísmo uma política nacionalista que visa à garantia de unidade. Isso se relaciona ao poder econômico e político, logo, também está ligado a consequente marginalização do que não é admitido oficialmente em uma nação. O quadro linguístico no Brasil sempre foi diverso, ainda que isso fosse negado pelo Estado. Os colonizadores portugueses já buscavam reconstruir nas línguas indígenas reproduções de imaginários da colônia, algo semelhante ao que se tenta fazer hoje com oportunhol: enxergar nele uma lógica gramatical e normativa baseada nas línguas oficiais que conhecemos. Há a aplicação de um aparato já conhecido, de um modelo gramatical já em uso. A afirmação de uma língua como oficial, aliás, silencia as outras e toda sua produção de conhecimento.

Portugal trouxe ao país a língua portuguesa, mas esta se historicizou de maneira diferente no Brasil, incorporando todo um quadro sociocultural que se tornou constitutivo da identidade social brasileira. O português brasileiro divide-se em falares regionais específicos ou em registros distintos, de acordo com situações particulares do funcionamento da língua, como no caso de sua configuração atualizada nas regiões de fronteira. Guimarães (2007) afirma o espaço discursivo brasileiro, como qualquer outro, multilíngue – tanto no sentido de que no Brasil praticam-se várias línguas, como o português (que é praticado como língua nacional-oficial), as línguas indígenas, as línguas de imigração, as línguas de fronteira; quanto no sentido de que o português divide-se em várias “línguas”, em vários e diversos falares das regiões mais diversas; e a tentativa de preservação da integridade da língua significa também a tentativa de construir e preservar a identidade de uma língua e de um povo.

Por isso, o receio do Estado em relação aoportunhol, a busca por uma gramatização desta suposta língua, para que também ela seja alcançada e regulada pela norma, não mais arriscando uma forjada estabilidade identitária. Contudo, nesse quadro de referência, oportunhol selvagem

está muito mais associado à cultura, ao patrimônio, à memória, porque não se quer oficializado ou gramatizado, quer a liberdade da arte, e sua produção cultural escrita já indica uma variedade em formação sendo registrada, mobilizando uma identidade afetiva com a língua. De acordo com Castells (2001, p. 22), “a identidade social diz respeito ao processo de construção de significação fundamentado em um atributo cultural, ou ainda em um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, os quais prevalecem sobre outras fontes de significado”. Essa concepção evidencia o aspecto processual das identidades: embora haja o planejamento de uma unidade definidora, harmoniosa e estável, as maneiras de construção do sujeito são múltiplas, fluidas e sempre contraditórias. A legitimidade de uma só posição a que o Brasil é submetido por conta de reflexões e refrações europeias perpassa a língua nacional, e um dos modos de pensar sobre isso é tratar dos discursos que atuam como forças centrípetas, costurando o múltiplo e variado em unidade. A língua nacional aparece como um discurso que faz parte da caracterização do que é ser brasileiro. Portanto, pode-se pensar o nacionalismo também como resultado de uma fase de identificação, de conhecimento de uma coletividade, o que se dá, primordialmente, por uma língua pela qual todos se significam. A língua, pretensamente nacional, que administra essas relações, representa antes um movimento político e ideológico, no qual há uma língua que assume essa condição de nacional por ser politicamente dominante.

Contemporaneamente, não há de maneira tão totalitária, a necessidade de coincidência entre uma língua e as fronteiras de um Estado, entretanto, ao intervir em um território delimitado pelas fronteiras, a política linguística permanece tendo, na maioria das vezes, uma dimensão nacional. Sturza (2009) versa sobre a ideia de hegemonia de uma língua dominante como aquela língua de um pensamento que condiciona os modos de vida dos sujeitos, sendo colonizadora não só sobre os processos civilizatórios das comunidades, como também do pensamento sobre o mundo. Daí a importância de uma língua nacional como constitutiva da crença de pertencimento. A pesquisadora Barrios (2009) destaca a tensão entre uniformidade e diversidade, que tem se manifestado em políticas linguísticas homogeneizadoras. Esse tipo de nacionalismo elege “uma determinada língua (a língua nacional) como referente identitário da nação” (BARRIOS, 2009, p. 25).

De acordo com Calvet (2007), há dois tipos de gestão das situações linguísticas: uma que se origina das práticas sociais – a política da língua – e outra da intervenção sobre essas práticas – a política de língua. As políticas linguísticas são geralmente de intervenção e precisam, por isso, da lei para se imporem, uma vez que não existe planejamento linguístico sem suporte jurídico. As

políticas linguísticas estão em ação, sempre acompanhando movimentos políticos e sociais, e “a mudança linguística vem reforçar a emergência de nações e sua coesão ou, ao contrário, a divisão de alguns países em novas entidades políticas” (CALVET, 2007, p. 157).

A possibilidade de ser sujeito no Brasil está estreitamente ligada à política linguística lusitana, uma vez que o país tem na língua portuguesa a origem de sua língua nacional. As línguas nacionais correspondem a nações politicamente independentes e, assim, conforme conceitua Auroux (1992), gramatizam-se, ou seja, pelas instituições dominantes, uma língua que já é falada é organizada em uma norma escrita; e há um espaço de circulação e de poder muito grande quando a língua consegue passar para o estágio de texto escrito, com preceitos que a delimitam e legitimam determinada forma.

A discussão arquitetada até aqui mostra que identidade nacional e o ser sujeito em determinado território são processos discursivos que mobilizam ideologias e posições. Esses discursos são decisivos para a história do conhecimento linguístico e para a questão do portunhol selvagem como movimento cultural de resistência em relação à língua e sua historicidade.

2 Portunhol e portunhol selvagem: descrição e argumentação

A organização política dos Estados nacionais marca os espaços em que as línguas funcionam historicamente. Isso confere uma importância fundamental a noções como língua nacional, língua oficial, que aparecem dividindo as línguas. No entanto, a relação entre falantes e línguas não se reduz a esse modo de representação. Os falantes mobilizam suas línguas por esta determinação Estado-Nação, mas também por diversas outras (GUIMARÃES, 2007). No caso do Brasil e dos países vizinhos, especialmente, efetivam-se múltiplas situações comunicacionais de um portunhol falado. Essa comunicação falada em portunhol é bastante característica para as gerações que viveram e vivem nessas fronteiras de entrelaçamento de povos e culturas, o que tem acontecido nas últimas décadas é um outro movimento, uma atualização discursiva: o portunhol sendo escrito poeticamente, à margem da produção cultural vigente, mas organizado e difundido - sendo denominado por seus autores de portunhol selvagem.

Há mais de um sentido em torno deste encontro entre português e espanhol. Pejorativamente, portunhol acaba por referir-se a uma mistura errônea das duas línguas, produto do desconhecimento ou de uma aprendizagem deficiente. Neste sentido depreciativo, configura-se como língua inacabada, gerada pela ignorância do falante (ATTI, 2013). É possível distinguir, pelo

menos duas acepções de portunhol: portunhol como a interlíngua oriunda da falha e portunhol como língua comunicacional própria da fronteira. Esta é nascida espontaneamente do convívio entre falantes do português e do espanhol, não se deixa domar por regras gramaticais, nem se limita a um léxico estruturado. Caracteriza-se pela oscilação entre o português e o espanhol, mantendo-se permanentemente aberta, sem se estruturar segundo um código previamente estabelecido (VARGAS, 2011).

O portunhol selvagem, por sua vez, aparece como uma terceira vertente, é uma espécie de hibridismo linguístico livre, que vive na fronteira também livre. Ele se apropria do vocabulário de várias línguas ao mesmo tempo em que não se limita a nenhuma delas e está em constante ebulição e movimento. O poeta Douglas Diegues, nascido no Rio de Janeiro e radicado em Ponta Porã - que constitui uma área de fronteira com a cidade Pedro Juan Caballero, capital do departamento de Amambay, no Paraguai -, é considerado, hoje, o principal expoente do portunhol selvagem, um movimento que reúne artistas latino-americanos que utilizam uma linguagem amalgamada, encontro de português, espanhol, línguas indígenas, com presença de francês, inglês, entre outras línguas. Esses artistas, como resistência, apresentam em seu discurso um modo de expressão anárquico que parece estar acima das fronteiras geográficas e culturais, como é a língua forjada para uma nação. Este trabalho problematiza o fato de o portunhol selvagem erigir, antes, e a despeito das discussões de língua e gramatização, como uma questão de militância poético-cultural.

Para tanto, construirei tal estudo primordialmente via padrão de argumentação (AUROUX, 2008), no interior da história do conhecimento linguístico, assim, buscarei indicar qual argumento há para inserir o portunhol selvagem no mundo social se o postulado principal diz que toda a língua precisa de uma normatividade. Isso se faz necessário porque ninguém produz conhecimento sem estar alicerçado em uma perspectiva. A norma é um tipo de argumentação que regula a manifestação científica em diferentes meios, impõe o que é possível dizer e o que não é. Conforme Auroux (2008), a redução da diversidade numa língua de referência provoca perda de conhecimentos, é interessante discutir se o estudo do portunhol pode ampliar o conhecimento linguístico, uma vez que a ciência é também um fenômeno social. As concepções de língua são muitas, mas ela é contínua, permanece.

A história da linguística é pensada a partir da língua escrita, eleita como a legítima. Quando pensamos história da linguística, quase nunca se vai para um momento, vai-se para algo linear, essa aparência periodizada trata-se do manual e não da história, do saber. É apenas mais um discurso

sobre. Uma proposta atualizada de epistemologia é contar a história a partir de determinado ponto de vista, pensado fora da escolarização. A complexidade do ato de escrever é linearizada no processo de periodização. Há uma criação de estereótipos, sem lugar para a contradição, que também habita a continuidade. O portunhol selvagem, como processo de escritura não é da ordem do categorizável, é selvagem como estética literária de resistência, não se encaixa nas categorias da gramática normativa e em sua concepção de língua. Ao mesmo tempo, a escrita artística em portunhol selvagem é responsável por ampla difusão e consolidação do movimento, conferindo-lhe outro status, outra hierarquia social e política. Isso demonstra que a língua e seus sentidos não são controláveis, nem mesmo poderosas instituições podem anular o poder da identidade afetiva.

3 Língua materna e fenômeno estético: procedimentos metodológicos, análise e interpretação

As discussões metodológicas deste trabalho são definidas pelo paradigma materialista histórico, mobilizando conceitos da Análise de discurso, uma vez que o seu objeto de estudo – os discursos sobre portunhol selvagem – resulta de uma leitura teórica, determina-se a partir de relações históricas, sociais e culturais, ou seja, relações construídas discursivamente. Na Análise de Discurso, mais do que o sujeito, interessam as posições-sujeito, uma vez que o sujeito é pensado discursivamente como uma posição entre outras. Não há, portanto, uma forma de subjetividade, mas um lugar que o sujeito ocupa para ser sujeito do que diz, os processos discursivos vão se desenvolver pelo sujeito, mas não têm nele sua origem.

Em sua relação com a língua, o sujeito do discurso estabelece um processo de constituição recíproca, constituindo-se e constituindo-a no cerne de acontecimentos histórico-sociais. É papel do gesto de interpretação realizar essa relação do sujeito com a língua na produção dos sentidos. Assim como ocorre com o sujeito, Ferreira (2003) afirma que o sentido nunca é individual, nem se apresenta como já produzido. O discurso é o objeto que permite observar as relações entre ideologia e língua, bem como os efeitos do jogo da língua na história e os efeitos desta na língua. Considero neste trabalho uma noção de língua dotada de natureza instável, heterogênea por formação e contraditória: a língua é lugar material de realização dos processos discursivos, em que se manifestam os sentidos.

O *corpus* no qual se investigam os discursos de resistência do portunhol selvagem inclui dois depoimentos de Douglas Diegues acerca do portunhol selvagem, um concedido em uma entrevista ao blog *Malha Fina Cartonera* (2016) e o outro ao site *Loco por ti* (2011). Os exemplares

foram escolhidos, entre vários depoimentos do autor, para uma análise inicial, devido ao seu caráter abrangente ao caracterizar o portunhol selvagem ao mesmo tempo como língua materna e como fenômeno estético novo. A questão teórica colocada repete, assim, o caráter oscilante e paradoxal da fronteira, mas entre o espaço dos universos logicamente estabilizados e o universo das transformações de sentido (FERREIRA, 2003).

4.1 Texto I: portunhol selvagem como língua materna

Fue hermoso nacer do amor de minha mãe hispano-guarani y de meu pai carioca filho de um dentista baiano e uma dama mineira. Mas aos dois anos tive de voltar com a minha mãe para a fronteira. Ela precisava me ensinar o portunhol selvagem, uma língua que não existe, mas que foi la língua em que sempre nos comunicamos inventando-a no calor da hora. Minha mãe foi a minha primeira professora de portunhol selvagem. Non digo que el portunhol selvagem tenha uma origem biológica. Non houvesse nascido yo del amor de uma paraguayana e um brasileiro, certamente non haveria o meu portunhol selvagem. (DIEGUES, 2016)¹

Neste fragmento de discurso sobre o portunhol selvagem do ponto vista de quem o mobiliza na vida e na arte, há marcas relevantes do caráter afetivo deste hibridismo linguístico, que decorre de outros hibridismos. Em primeiro lugar, a questão do amor como origem do nascimento, a origem familiar, de pai e mãe, já é miscigenada desde os avós, hispano guarani e baiano mineiro: sendo no interior de um mesmo país ou no limite entre eles, essa formação afetiva originária dá-se de encontros fronteiriços. Nascido no Brasil, Diegues aponta como imperativo (“tive”, “precisava”) o fato de voltar, aos dois anos, para a fronteira com o Paraguai com a mãe para que lhe fosse ensinado o portunhol selvagem, ou seja, tal língua aparece como condição para comunicar-se no ambiente familiar, quando a criança ainda está aprendendo a falar: sua língua materna não é português, espanhol ou guarani, mas sim portunhol selvagem. O conflito dá-se no ponto em que “essa língua que não existe” para o Estado, para um sistema normativo estabelecido, é a língua essencial para a família, aquela inventada a cada vez que é mobilizada, “no calor da hora”, ou seja, muito mais relacionada às emoções e aos sentimentos do que a uma preocupação de reconhecimento oficial, nesse contexto, isso não é relevante. Mas, e o sujeito que mobiliza o portunhol selvagem (que não existe) é relevante para o Estado?

¹ Disponível em: <<https://malhafinacartera.wordpress.com/?s=douglas+diegues>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

Se Diegues não teve aulas de portunhol na escola teve-o muito antes com sua mãe, em casa, apontada como professora, ou seja, facilitadora de um processo de produção e apreensão de conhecimento, desta posição sujeito, portunhol selvagem é um conhecimento. Além disso, o poeta destaca que essa origem de pai, mãe, avós, em relação à língua, nada tem de biológica, mas, de novo reitera que se relaciona ao amor, há na fronteira mais do que trocas comunicacionais ou discursos voltados ao comércio, há também o lugar discursivo que erige do afeto, o qual torna menos objetivo, normativo, submetido a uma ordem direta o portunhol selvagem, fato que o aproxima da aventura literária e criativa que é a poesia.

4.2 Texto II: portunhol selvagem como fenômeno estético

Vejo el portunhol selvagem apenas como um fenômeno estético nuevo nel atual panorama. Uma forma nueva de dizer coisas viehas y nuevas de miles de maneras próprias diferentes. Es una lengua que solo se pode entender usando el corazón. Brota del fondo del fondo de cada um de maneira originale. Es una lengua bizarra, feia, bela, selvagem, provinciana-kosmopolita, rupestre, post-histórica, sem data de vencimento. Non se trata de mera brincadeira que deu certo. Es una aventura literária. Um dialeto feliz que non necessita mais ser feliz. Um karnabal cumbiantero de palabras conocidas y desconocidas. Uma liberdade de linguagem hermoza que nunca caberá inteira em los espejos y molduras de ningun pombero-system literário oficial... Repito, mais uma vez, e repetirei quantas fueren necessárias: gramatificar el portunholito selvagem es como querer ponerlo em uma gaiola gramatical. Aprendi com Guimarães Rosa y com Manoel de Barros y com Sérgio Medeiros que la gramática e suas leyes son una especie de enemiga number one de la liberdade de la linguagem verbocreadora mais conocida como “poesia”. Cada artista de la palabra que se aventure por las selvas de los portunholitos salbajes habrá de inventar sua gramática própria, personal, intransferible. Porque el portunhol selvagem romperá sempre los esquemas del pensamiento único y de las buenas intenciones unificadoristas de los kapos gramáticos. Ya habemus las gramáticas de las lenguas portuguesas y espanholas. Habemus em Paraguaylandia la gramática del guarani. (DIEGUES, 2011).²

Nesta consideração, Douglas Diegues localiza o portunhol selvagem não mais apenas como a língua “de casa”, mas também como um fenômeno estético próprio da contemporaneidade. O que ele frisa é a capacidade de dizer o mesmo de várias maneiras diferentes, ou seja, ressalta a especificidade discursiva a cada vez que o portunhol selvagem é mobilizado culturalmente. Tal especificidade estaria, então, ancorada no traço afetivo que perpassa essa língua, no modo como cada um viveu/vive a fronteira e os cruzamentos decorrentes dessa posição sujeito. Por isso a

² Disponível em: <<http://locoporti.org.br/2011/06/portunhol-selvagem-lingua-livre-poeta-douglas-diegues>>. Acesso em: 19 jun. 2016.

contradição do portunhol selvagem em sua adjetivação limítrofe: língua “bela e feia”, “provinciana-kosmopolita”, “rupestre e sem data de vencimento”; mas, sobretudo, trata-se aqui de literatura, e esta oportuniza ao fazer literário ser reconhecido como processo de memória e de documentação de discursos e valores marcantes em uma época e em um território, o que funciona para além de seu espaço/tempo.

Como, ou por que motivo, inserir o portunhol selvagem no mundo social, cultural e literário se o postulado principal diz que toda a língua precisa de uma normatividade? A resposta ainda se trata de incipiente previsão, mas o caráter afetivo da língua “caseira”, da vida cotidiana da fronteira, aparece como grande responsável pela resistência artística, uma marca de posição pelo sujeito: a língua que o Estado considera inexistente, assim como os sujeitos que a utilizam, existe e vai continuar existindo, fortalecendo-se pela escrita, pela perenidade da arte. Essa liberdade “hermosa” de linguagem, Diegues insiste em frisar que **nunca** será emoldurada por nenhum “pombero-system literário oficial”. Alegoria muito interessante para pensar de que posição erige tal movimento cultural. A lenda do “pombero”, bastante conhecida no Paraguai, é sobre uma espécie de duende da mitologia guarani:

Él puede llegar a ser amigo tanto como enemigo del hombre, según la conducta de éste. Según se cuenta, el hombre que quiera tener de aliado a este duende puede dejar ofrendas por la noche como tabaco, miel o caña (aguardiente, en otros lados). Generalmente, la gente del campo le pide favores tales como hacer crecer los cultivos en abundancia, cuidar de los animales de corral, etc. Pero después de pedirle un favor no deben olvidarse jamás de hacer la misma ofrenda todas las noches durante 30 días porque si lo olvidan, despertarán su furia haciendo innumerables maldades en aquel hogar. Nunca se debe pronunciar su nombre en voz alta, hablar mal de él o silbar en horas de la noche, porque esto lo enoja. Puede vengarse molestando o ensañándose con esa persona. Un mero roce con sus manos peludas puede producir que la persona se torne zozca, muda o experimente temblores para el resto de su vida. Se dice que si se le imita el silbido, el pombero puede contestar de manera enloquecedora. Por eso, y para no ofenderle, la gente creyente prefiere nombrarlo en voz baja y se guarda de pronunciar su nombre en las reuniones nocturnas.³

O sistema literário oficial é comparado a uma entidade que pode ser amiga ou inimiga, dependendo dos favores prestados a ela, ou que se aja de acordo com suas regras, caso contrário, vinga-se da maneira mais terrível. Não há favores sem troca, sem submissão, e o portunhol selvagem não parece disposto a fazer sempre as mesmas oferendas, já que tem como característica

³ Disponível em: <<http://www.leyendas-urbanas.com/el-pombero>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

intrínseca o fato de reinventar-se a cada produção. As políticas unificadoras e as normas gramaticais são apontadas de maneira irônica por Diegues, como “buenas intenciones”, e até relacionadas a um sistema totalitário ao designar os gramáticos como “kapos”, palavra de origem italiana utilizada na Segunda Guerra Mundial para os judeus aos quais os alemães designavam tarefas especiais nos guetos e campos de concentração.⁴

Ademais, há marcas afetivas também na materialidade linguística de Diegues, ao referir-se à língua híbrida com o carinhoso diminutivo “portunholito”. O poeta, ao citar nomes como Manoel de Barros e Sérgio Medeiros, defende que o portunhol selvagem pode ser considerado um fenômeno estético novo, porém, a gramática e suas leis como inimigas da liberdade de linguagem que a poesia exige não é algo exclusivo da contemporaneidade, tampouco de uma língua de fronteira. Para quem reclama a ausência de uma gramática para essa variedade em formação e constante transformação, Diegues finaliza: “Ya habemus las gramáticas de las lenguas portuguesas y espanholas. Habemus em Paraguaylândia la gramática del guarani”, ou seja, o portunhol selvagem já é escrito dentro de uma lógica que o torna entendível.

Considerações finais

Esta análise inicial de um *corpus* envolvendo discursos sobre o movimento cultural portunhol selvagem buscou reconhecer no que se apoiam as marcas de defesa desta língua e do caráter artístico-literário da resistência a partir da posição sujeito de quem vive a/na fronteira e mobiliza o portunhol selvagem como discurso da arte. Para tanto, a produção do conhecimento linguístico relacionou-se diretamente a uma concepção de língua que a considera fruto de processos sociais, estabelecendo-se discursivamente pela sua relação com a história no processo de constituição dos sujeitos e dos sentidos. Foi preciso inserir o estudo em uma visão de mundo, limitá-lo para possibilitar certos procedimentos de metodologia e análise, sustentando a objetividade do conhecimento produzido, em uma região fronteiriça de línguas e sujeitos, ainda tratando de um discurso sobre.

No interior de um quadro linguístico de unidade, em relação aos Estados nacionais modernos e aos processos de colonização, arquitetou-se uma discussão teórica para alcançar-se um

⁴ Disponível em: <<http://avidanofront.blogspot.com.br/2010/12/kapos.html>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

conceito de portunhol selvagem, bem como seu lugar em uma história do conhecimento linguístico, construindo o estudo via padrão de argumentação. O portunhol selvagem, ainda que como escrita do fazer literário, não é categorizável quanto às categorias da gramática normativa e sua consequente concepção de língua, pelo contrário, coloca-se como estética literária de resistência, assim, não teria lugar em uma norma social, cultural e literária.

Dentro do proposto a respeito de gramatização por Aurox (1992), não há um processo de gramatização quanto ao portunhol selvagem e tampouco se quer tê-lo, pois não há um instrumento linguístico, há apenas uma estabilidade de compreensão por conta das múltiplas línguas que o compõem e pela sua fluidez discursiva. Entretanto, ainda que tal hibridismo linguístico não seja reconhecido como língua - nos moldes totalitários e rarefeitos estabelecidos até então, trata-se de uma legítima manifestação estética e cultural, seus recursos estéticos também são parte do que o torna entendível. Concomitantemente, a escrita artística em portunhol selvagem oportuniza difusão e consolidação do movimento, conferindo-lhe novo status, nova hierarquia social e política. Novamente, é possível afirmar que a língua e seus sentidos não são controláveis, nem mesmo poderosas instituições podem anular o poder da identidade afetiva. A partir disso, pode-se pensar, então, um futuro estudo que encare a materialidade linguística de um discurso constituído de portunhol selvagem.

REFERÊNCIAS

ATTI, F. D. Considerações acerca do movimento do Portunhol selvagem: o paradigma da osmose e a resistência cultural. **Babilônia**: Revista Lusófona de Línguas, Culturas e Tradução, 2013.

AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

_____. **A questão da origem das línguas, seguido de A historicidade das ciências**. Campinas: Editora RG, 2008.

BARRIOS, Graciela. El tratamiento de la diversidad lingüística em el debate educativo: paradigmas teóricos, representaciones y políticas lingüísticas. In: ALONSO, Cleuza M. M. C. (Org.). IV Encontro Internacional de Pesquisadores de Políticas Linguísticas. **Anais**. Universidade Federal de Santa Maria; Associação de Universidades Grupo Montevideu. Santa Maria: Sociedade Vicente Palloti, 2009.

CALVET, L.J. **As políticas linguísticas**. Tradução de Isabel Oliveira, Jonas Tenfen, Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial: IPOL, 2007.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Tradução de Klauss B. Gerhardt. A era da Informação: economia, sociedade e cultura, v.2, 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

DIAS, L. F. **Os sentidos do idioma nacional**: as bases enunciativas do nacionalismo no Brasil. Campinas-SP: Pontes, 1996.

FERREIRA, M.C.L. O caráter singular da língua na Análise do Discurso. **Organon**. v. 17, n. 35. Instituto de Letras - UFRGS, 2003.

GUIMARÃES, E. Política de línguas na linguística brasileira – Da abertura do curso de Letras ao Estruturalismo. In: ORLANDI, Eni P. (Org.). **Política linguística no Brasil**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

STURZA, E. R. Políticas linguísticas e globalização – fronteiras, histórias locais e políticas linguísticas. In: ALONSO, Cleuza M. M. C. (Org.) IV Encontro Internacional de Pesquisadores de Políticas Linguísticas. **Anais**. Universidade Federal de Santa Maria; Associação de Universidades Grupo Montevideu. Santa Maria: Sociedade Vicente Palloti, 2009.

VARGAS, F.A. Fronteiras literárias: as línguas ibéricas e o portunhol. **Anais do VI Congresso Internacional Roa Bastos**, Foz do Iguaçu, 28-30 Set. 2011. Disponível em: <http://www.nelool.ufsc.br/simposio2011/fronteiras_literarias.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2016.

[Recebido: 06 out. 2016 – Aceito: 06 dez. 2016]